

**CIDADES EM MUDANÇA:
processos participativos em Portugal e no Brasil**

Renata de Sá Gonçalves e Lígia Ferro (organizadoras)

Mauad X

_____; BAPTISTA, Luís V. (eds.). Lisbon: the world heritage of an urban hub. *Dossier Portuguese Journal of Social Science*, v. 14, n. 2, p. 119-192, 2015.

COSTA, António Firmino. Espaços urbanos e espaços rurais: um xadrez em dois tabuleiros. *Análise Social*, v. XXI, n. 87-88-89, p. 735-756, 1985.

ENQUÊTE. Avant-propos. *Enquête* [En ligne], 4 | 1996, mis en ligne le 11 juillet 2013, consulté le 11 mars 2018. URL. Disponível em: <http://journals.openedition.org/enquete/643>.

FERREIRA, Vítor Matias. *A cidade de Lisboa: de capital do Império a centro da metrópole*. Lisboa: D. Quixote, 1987.

FORTUNA, Carlos. In Praise of Other Views: The World of Cities and the Social Sciences. *Iberoamericana* (2001-), Nueva época, año 12, n. 45, p. 137-153, marzo de 2012.

FREHSE, Fraya. *Tantas cidades em Lisboa*. 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1223>.

GARCIA, João Carlos. As cidades na Obra de Orlando Ribeiro. *Penélope*, n. 7, p. 107-114, 1992.

GIRÃO, Amorim. Origens e evolução do urbanismo em Portugal. *Revista do Centro de Estudos Demográficos*, Lisboa, INE, n. 1, p. 41-77, 1945.

GODINHO, Vitorino Magalhães. *A estrutura da antiga sociedade portuguesa*. Lisboa: Arcádia, 1971.

JUSTINO, David. *A formação do espaço económico nacional*. Lisboa: Vega, 1989.

NUNES, João Pedro Silva. Florestas de Cimento Armado. Os Grandes Conjuntos Residenciais e a Constituição de Metrópole (Lisboa, 1955-1981). Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2007.

POVOS & CULTURAS. Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa, n. 2 (A cidade em Portugal, onde se vive), 1987.

_____. Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa, n. 3 (A cidade em Portugal, como se vive), 1988.

RIBEIRO, Orlando. Evolução e perspectivas dos estudos olisiponenses. *Revista Municipal*, n. 27, p. 3-12, 1945.

RIEGELHAUPT, Joyce. In the Shadow of the City: Integration of a Portuguese Village. PhD Dissertation, New York, Columbia University, 1964.

TOPALOV, Christian. *Histoires d'Enquêtes*. Paris: Classiques Garnier, 2015.

VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia Urbana*. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ETNOGRAFIA URBANA EM PORTUGAL E SUAS REDES COM O BRASIL

Rita Ávila Cachado

Introdução

Há mais de 20 anos, Graça Cordeiro¹ acolheu o professor Gilberto Velho pela primeira vez em Lisboa, que havia sido convidado por Joaquim Pais de Brito. O motivo do encontro foi um seminário organizado por Graça Cordeiro, “Antropologia e Estudos Urbanos: Perspetivas Comparadas” (1996, ISCTE-IUL),² mas ambos não desconfiavam então da importância do encontro numa manhã de domingo soalheira em Lisboa. Em 1996, a Antropologia Urbana em Portugal estava a dar os primeiros passos, com a defesa da tese de Doutoramento de Graça Cordeiro nesse ano, trabalho que veio a ser publicado em livro com o título *Um lugar na cidade. Quotidiano, memória e representação no Bairro da Bica*. Nesse ano, estava em curso o primeiro Mestrado em Antropologia em Portugal, “Antropologia: Patrimônios e Identidades”, coordenado por Joaquim Pais de Brito, e o seminário referido é organizado nesse contexto. Anteriormente, Gilberto Velho havia viajado a Lisboa a convite do II Congresso Luso-Afro-Brasileiro, em 1994 (BASTOS, 2017), e regressa, portanto, dois anos depois, a convite do ISCTE. De 1996 a 2018 decorre o tempo, *grosso modo*, de uma geração. Este artigo faz uma abordagem histórica dos principais momentos que atravessa a etnografia urbana entre Portugal e o Brasil desde esse encontro até aos dias de hoje, donde o projeto FCT/CAPES que enforma este livro é um sinal de clara vitalidade dessas interações que não mais pararam.

A pesquisa que norteia esta publicação provém, por um lado, do próprio projeto “Cidades em Mudança: processos participativos em Portugal e no Brasil”, pelo qual tive a oportunidade de realizar uma pesquisa de curta duração no Rio de Janeiro, em 2016, e, por outro lado, decorre da minha pesquisa de

1 A quem agradeço a entrevista de trajetória profissional que inspirou este artigo, bem como a sua revisão atenta. Agradeço também à/ao revisor/a do artigo as sugestões feitas.

2 O Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa passa a Instituto Universitário de Lisboa em 2007, mas mantém-se o nome anterior da universidade, inaugurada em 1972.

pós-doutoramento sobre Etnografia Urbana em Portugal.³ Nesses dois âmbitos, realizei entrevistas aprofundadas com um conjunto de antropólogos, tanto portugueses quanto brasileiros; realizei uma análise dos *Curricula* desses e de outros pesquisadores que incluíram a metodologia etnográfica nas suas pesquisas; e fiz um acompanhamento das suas atividades acadêmicas nos últimos anos. No entanto, para este artigo, impera uma análise dos resultados das entrevistas realizadas até o momento. Os dados apresentados, salvo quando são provenientes diretamente de literatura publicada ou outros dados referidos, provêm sobretudo das entrevistas.⁴ Importa também sublinhar que, para este artigo, a intenção é partilhar uma perspectiva sobre uma história circunscrita, ou seja, não cabe aqui uma visão determinista sobre os fatos ocorridos, e muito menos a pretensão de controlar a história das disciplinas que, como alerta Christien Topalov, por vezes subjazem a projetos de história da ciência, inscrevendo poderes (TOPALOV, 2015, p. 15-6).

Por que estudar a Etnografia Urbana? De resto, o que é de fato a Etnografia Urbana? Esse campo flutuante que sobretudo se tem situado entre a Antropologia e a Sociologia Urbanas, nem sempre é equacionado como um campo de pesquisa *per se*.⁵ De resto, Graça Cordeiro, num exercício de resenha do campo disciplinar, refere que “(...) a complexidade das sociedades contemporâneas só pode ser entendida através de um cruzamento de perspectivas disciplinares” (CORDEIRO, 2003, p. 12).

Em Portugal, a prática da Etnografia Urbana começou a partir da disciplina mãe da metodologia etnográfica, a Antropologia, com o trabalho de Graça Cordeiro já referido, mas contemporaneamente, na Sociologia, com o trabalho de António Firmino da Costa (1999), e na Psicologia com o trabalho de Luís Fernandes (1998). Outras disciplinas se juntaram, como a Geografia, a História Contemporânea e a Arquitetura, através de um interesse que se mapeia com alguma facilidade nos autores referidos. Ou seja, posteriormente a esses

3 Pesquisa de pós-doutoramento em curso (2016-2019), financiada pela FCT, intitulada “Etnógrafos Urbanos em Portugal. Retratos profissionais, arquivos etnográficos e revisitação de terrenos” (Ref. SFRH/BPD/108265/2015).

4 Para este artigo, convoquei as entrevistas de Graça Cordeiro (19/12/2015 com Lígia Ferro e 21/11/2017); Renata Sá Gonçalves (14/09/2016); Daniel Bitter (entrevista por escrito, 15/10/2016); Otávio Raposo (17/11/2016); Inês Pereira (15/03/2017), mas agradeço a todos os entrevistados que até ao momento dedicaram o seu tempo para colaborar nesta pesquisa, bem como aos colegas ainda não entrevistados que conhecem a pesquisa e têm também colaborado.

5 Num artigo de Tim Ingold (2014) podemos encontrar o debate contemporâneo sobre os limites do que é etnográfico, alertando contra os excessos cometidos relativamente a uma prática metodológica complexa.

trabalhos publicados, tanto através das obras em si quanto através das aulas por eles lecionadas, muitos alunos se interessaram por desenvolver pesquisas etnográficas na sua formação, mesmo não tendo sido formados em Antropologia. Mas importa dizer que a interdisciplinaridade inicial parece operar em dois sentidos. Por um lado, os etnógrafos urbanos são formados em várias disciplinas. Por outro lado, e mais importante no que à interdisciplinaridade diz respeito, os próprios investigadores não se limitam a um saber acadêmico, vão beber em várias disciplinas para realizar uma análise dos seus campos de forma mais completa. Os limites e potencialidades da interdisciplinaridade constituem, por seu lado, um debate sem-fim, mas é pelo menos gratificante verificar como a Etnografia Urbana, enquanto prática sobretudo antropológica e sociológica⁶ mas não só, pode contribuir para alimentar o debate da interdisciplinaridade e, por isso mesmo, fazê-la viver, mais do que promovê-la apenas no campo das intenções.

Voltando à Antropologia Urbana, no caso brasileiro encontramos um campo aparentemente sólido, com ramos importantes no Museu Nacional através de Gilberto Velho, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), ambos pertencentes à Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Universidade Federal Fluminense (UFF), decorrente de influência do Museu; na Universidade de São Paulo (USP) com dois grupos de trabalho, o Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) e o Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC), respetivamente coordenados por José Magnani e Heitor Frúgoli, entre outros. No caso português, o campo da Antropologia Urbana em geral e da Etnografia Urbana em particular é muito mais restrito. Com fortes tentativas de interdisciplinaridade entre a Sociologia e a Antropologia, a Antropologia Urbana⁷ cresceu sobretudo como área de estudo no âmbito do Programa Internacional de Doutoramento em Antropologia Urbana (ISCTE-Lisboa/URV-Tarragona), que produziu alguns Doutorados na área, aos quais iremos referir posteriormente neste artigo.

Em ambos os contextos, português e brasileiro, é uma área de estudos que foi influenciada, como não podia deixar de ser, pela Escola de Chicago (CORDEIRO, 2003). No caso português, a Antropologia Urbana deu os seus primeiros passos em Barcelona, no final dos anos 1980, quando Graça Cordeiro ali realizou uma formação doutoral ao mesmo tempo que iniciava a sua carreira de docente no ISCTE. Assim, pouco após o Mestrado, foi convidada

6 Sobre interdisciplinaridade entre a Sociologia e a Antropologia, ver: LOPES, 1997, p. 39-44.

7 Antropologia Urbana começou por ser uma disciplina lecionada como optativa nas licenciaturas de Antropologia e de Sociologia, por Graça Cordeiro, desde 1988/89. Atualmente, é também lecionada como disciplina obrigatória no segundo ano da licenciatura de Antropologia por José Mapril na FCSH-Nova, desde 2015.

por Juan Pujadas para fazer o doutoramento em Antropologia Urbana coordenado por ele.

Apesar de circunscrita a algumas personagens centrais, por um lado, e difusa disciplinarmente por outro, a Etnografia Urbana tem um potencial importante para a leitura das cidades. Com um grande desenvolvimento através de pesquisas no seio das comunidades desfavorecidas – os principais trabalhos têm sido realizados em bairros segregados socioespacialmente, ainda nos dias de hoje, o seu potencial é, pelo menos duplo: ao mesmo tempo que permite registrar contextos urbanos com grande dinamismo, também se mostra propensa à investigação-ação e àquilo a que Fran Tonkiss chamou de “micropolítica da vida urbana” (TONKISS, 2005). As etnografias urbanas realizadas por antropólogos, tanto em Portugal quanto no Brasil, têm sistematicamente chamado a atenção precisamente para situações de reivindicação de direitos, e os pesquisadores têm-se envolvido nesses processos, promovendo por vezes momentos importantes de investigação-ação, ou pelo menos de um forte envolvimento com as populações estudadas. O projeto “Cidades em Mudança...”, por seu lado, tem precisamente sublinhado esse caráter em etnografias cujos resultados podem ser consultados através do livro em mãos, mas até ao dealbar do projeto, houve um longo caminho.

Gilberto Velho. Projetos e circunstâncias

Gilberto Velho contribuiu, de forma única e incansável, para o desenvolvimento da sociologia e da antropologia urbana em língua portuguesa, incentivando formas abertas de diálogo interdisciplinar, literário e artístico no seio dos estudos urbanos e fomentando a criação de uma rede de cientistas sociais aquém e além Atlântico. (CASTRO e CORDEIRO, 2014, p. 7)

Retomando os famosos pares conceituais de Gilberto Velho, chamei a esta seção de projetos e circunstâncias, uma vez que as relações Portugal-Brasil no campo da Antropologia, olhando para o seu percurso, são pautadas, por um lado, por projetos de investigação de equipe com membros dos dois países, e, por outro lado, por circunstâncias ocorridas na vida de cada um dos membros dessa rede de trabalho. Em todos esses momentos, a presença do Professor, ou pelo menos o seu apoio, foi fundamental, algo que todos os pesquisadores recordam com carinho, tanto em momentos de entrevista quanto em conversas informais ao longo dos anos. As histórias ou episódios fascinantes com o Professor são tantos quanto os interlocutores e autores aqui referidos, ou seja, cada pessoa tem pelo menos uma história que inscreve um momento acadêmico importante nas suas trajetórias. Sem personalizar, mas apenas para

exemplificar, muitos se referem a episódios sobre o valor da pontualidade nos encontros acadêmicos.

Desde as suas primeiras visitas a Portugal nos anos 1990 até à atualidade decorreram pouco mais de 20 anos, o tempo de uma geração. A relação então encetada com Graça Cordeiro e outros colegas em Portugal transformou-se num autêntico vaivém de pesquisadores entre Lisboa e, sobretudo, o Rio de Janeiro, mas também São Paulo. Não tendo lugar aqui uma história exaustiva, elencamos os principais momentos dessa relação e dessas viagens.

Logo por via dos primeiros encontros, em 1999 Gilberto Velho coordena o livro *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal* com quatro autores portugueses e seis brasileiros. Se o título e a própria publicação do livro atestam uma relação que se estava a consolidar aos poucos, na Apresentação do livro Gilberto Velho confirma: “A sua realização é mais um fruto da cooperação luso-brasileira na área das ciências sociais” (VELHO, 1999, p. 10). Mas ao contribuir para a afirmação do campo disciplinar, Gilberto Velho é também cauteloso:

As nossas afinidades, nesse caso, residem no interesse compartilhado por uma antropologia urbana. Este nome nem sempre expressa bem o sentido do nosso trabalho, sobretudo quando associa-se a um risco de reificação do urbano, isolando-o de seus contextos socio-históricos e culturais. (VELHO, 1999, p. 8)

Ou seja, a grande referência da Antropologia Urbana em língua portuguesa não exclui o nome do campo disciplinar, mas antes o responsabiliza por enquadrar, nas suas análises, aquilo a que Graça Cordeiro chama as várias escalas urbanas. Para ambos, é óbvia a influência de Robert Ezra Park, Anthony Leeds e outros autores que registraram a etnografia urbana não como um olhar circunscrito ao local onde se escolhe realizar etnografia, mas sim como uma visão do mundo urbana, que integra as relações sociais, políticas, inseridas num tempo e num contexto específico que não devem deixar de ser equacionados nas pesquisas urbanas, sob pena de isolar os terrenos e as populações estudadas, como durante décadas a antropologia fez.

No conjunto dos dez textos do livro referido, saliento aquele que se tornou uma famosa referência bibliográfica entre estudantes portugueses: “Bairros: contexto e intersecção”, de autoria de Graça Cordeiro e de António Firmino da Costa, em que propõem uma definição de bairro enquanto unidade de estudo urbana que vale a pena recordar, uma vez que evocam várias dinâmicas em simultâneo, desde a relação entre a Antropologia e a Sociologia que a dupla autoria confirma, passando pela relação Portugal-Brasil no campo da etnografia

urbana que perpassa então pelo menos aquelas duas disciplinas, até à inscrição inicial, digamos assim, do próprio campo disciplinar em Portugal, evidenciado através de uma proposta conceitual e metodológica ao mesmo tempo:

(...) essas sub-regiões urbanas de tamanhos e configurações variáveis, designadas habitualmente por *bairro*, constituem unidades socio-espaciais problemáticas em si próprias. Permeáveis e, contudo, identificáveis, não só nos ritmos de uma prática social quotidiana e etnografável, como também nas imagens resultantes de uma bricolage coproduzida endógena e exogenamente (...) os bairros são lugares para se procurar, identificar, inquirir, questionar. (CORDEIRO e COSTA, 1999, p. 60-1)

Pouco tempo depois, por casualidade precisamente no fatídico dia para a política internacional, o 11 de setembro de 2001, houve mais um momento importante na trajetória da Etnografia Urbana portuguesa e sua narrativa associada a Gilberto Velho. Inês Pereira, socióloga de formação e doutorada em Antropologia Urbana, contribuiu na sua entrevista de trajetória profissional para sedimentar a ideia de rede e de grupo da Etnografia Urbana. Ela relata assim esse dia:

Chegamos ao segundo *turning point* da minha vida académica, que foi o 11 de setembro. O [António] Firmino [da Costa] convidou-me para apresentar o trabalho. Era um *workshop* organizado pelo António, Graça, (...) tinha o Luís Baptista. E eles convidaram pessoas novas na investigação e mais antigas. Foi um dia único porque foi um dia surreal (...) Foi no ISCTE. (...) [C]onheci nesse dia pessoas muito importantes para mim. O João Pedro [Silva Nunes], (...) a Susana Durão que depois me convidou para o *workshop* de etnografia. (...) Conheci também o Gilberto Velho e o Joan Pujadas nesse dia. (Entrevista com Inês Pereira, 15/03/2017)

Esse encontro teve uma importância determinante para o desenrolar de um conjunto de atividades académicas ao longo da década de 2000 que contribuíram para fortalecer as relações e o campo disciplinar. A partir desse encontro foi editado o livro *Etnografias Urbanas* (CORDEIRO, COSTA e BAPTISTA, eds., 2003), que Cristiana Bastos analisa positivamente numa revisão crítica, entre outros aspectos, por fomentar uma relação científica mais comunicante (BASTOS, 2006, p. 217), no sentido da proximidade linguística, por reunir colegas brasileiros e espanhóis.⁸ São 17 capítulos que convocam colegas mais novos e

8 Importa sublinhar que, embora neste capítulo a referência seja a análise das relações Portugal-Brasil, a influência de colegas catalães no caso português é igualmente importante. Destaca-se o caso de Juan Pujadas, colega e amigo de Graça Cordeiro e de Gilberto Velho, quase perfazendo um triângulo ibero-americano de antropologia urbana.

mais velhos. Segundo Inês Pereira em entrevista, mas também evocado em conversas informais por outros colegas, um dos objetivos dos colegas mais velhos foi sempre o de “desconstruir a questão geracional” (Inês Pereira, entrevista 15/03/2017). Ler esse livro é, por isso, também encontrar textos resultantes de etnografias urbanas diversas, realizadas no âmbito de trabalhos de cursos, ou frutos de reflexões teórico-metodológicas; é encontrar um texto de Graça Cordeiro, já referido, no qual, de certa forma, encontramos o seu modo de ver esse campo disciplinar; e é também descobrir ecos das relações Portugal-Brasil não só evidenciadas nos nomes dos participantes, como nas etnografias publicadas, como no texto de Luís Fernandes sobre o Rio de Janeiro (FERNANDES, 2003).

Pouco tempo depois, Gilberto Velho apoiou vivamente o projeto “A cidade e a rua: uma aproximação etnográfica à vida urbana”⁹ iniciado em 2005, coordenado por Graça Cordeiro, solidificando e alargando a relação entre Portugal e o Brasil. Através desse projeto, um conjunto de pesquisadores juniores teve contato com ele, e muitos deles chegaram a viajar ao Brasil para pesquisas de curta duração, ainda nos anos 2000, e por via desse projeto. Ao mesmo tempo, esse projeto contribuiu para a solidificação da Etnografia Urbana como um campo interdisciplinar no contexto português.

Além de Gilberto Velho, outros etnógrafos doutorados em outras disciplinas apoiaram e participaram no projeto “da Rua”, como ficou conhecido pelos seus participantes. O projeto teve quatro consultores: Gilberto Velho e Joaquim Pais de Brito, antropólogos, Luís Baptista e António Firmino da Costa,¹⁰ sociólogos, e todos eles também pesquisadores seniores desse projeto. Outras disciplinas se juntaram através dos investigadores Luís Fernandes, psicólogo, e Frédéric Vidal, historiador. Nessa altura, entre 2005 e 2007, estava também já a decorrer o Programa Internacional de Doutoramento em Antropologia Urbana já referido.¹¹ No âmbito das pesquisas de doutoramento, três estudantes realizaram pesquisa no Rio de Janeiro. Lígia Ferro e Ximene Rêgo realizam pesquisas de curta duração no Museu Nacional e Otávio Raposo concentra todo o terreno etnográfico no Rio. No caso de Otávio, para as relações académicas com professores no Brasil, foi importante Karina Kuschnir, sua coo-

9 Ref. CIES/FCT POCI/ANT/57506/2004. Um dos resultados do projeto é o livro organizado por Graça Cordeiro e Frédéric Vidal, *O lugar da Rua. Espaço, tempo, sociabilidade*.

10 O limite de laudas deste artigo e o fato de não ter realizado entrevistas com os pesquisadores em causa, não permite aprofundar as interações entre Joaquim Pais de Brito e António Firmino da Costa com Gilberto Velho. No entanto, a história de cada um deles com o Professor brasileiro mereceriam pesquisa específica.

11 Contemporaneamente, ocorreu também o Mestrado em Antropologia Urbana no ISCTE-IUL, que acabou por usufruir de disciplinas lecionadas pelos professores internacionais.

rientadora de Doutorado, por sua vez orientada por Gilberto Velho na sua pesquisa de Doutorado. E no caso de Lúgia Ferro, verificou-se uma interação que fortaleceu as relações Portugal-Brasil, tal como já acontecera com outros estudantes portugueses (Susana Durão no projeto Rua e Teresa Fradique no âmbito do Mestrado Patrimônios e Identidades, ambos no ISCTE-IUL).

No ano de 2007, ou seja, cerca de dez anos depois das primeiras visitas de Gilberto Velho a Portugal, a organização da First International Conference of Young Urban Researchers (FICYUrb), em junho, foi também central para o desenvolvimento das relações acadêmicas Portugal-Brasil e vice-versa, sobretudo para as gerações mais novas. Nessa altura, influenciada por Gilberto Velho que lecionava o curso de Antropologia Urbana no Doutorado de Antropologia no Museu Nacional, Renata de Sá Gonçalves fez um período de pesquisa para o seu doutoramento em Portugal. No semestre em que Renata cursou Antropologia Urbana com Gilberto Velho, ele focou na relação Portugal-Brasil, incluindo diversa bibliografia, e foi nesse momento que conheceu Graça Cordeiro, como referência teórica. Renata refere em entrevista que de outra forma, durante a licenciatura, não conheceria os autores portugueses (Renata Gonçalves, entrevista 14/09/2016).

Relativamente à realização da FICYUrb, trouxe um conjunto importante de estudantes internacionais, dos quais estavam listados 35 brasileiros, apresentando trabalhos sobre 13 cidades brasileiras, tal como referido por Fraya Frehse, antropóloga em São Paulo, que participou na conferência e que elaborou um artigo para o primeiro número da revista on-line *Ponto Urbe*, do Núcleo de Antropologia Urbana (FREHSE, 2007). É de resto interessante notar uma participação modesta, mas constante, de pesquisadores portugueses na *Ponto Urbe*, que, em 19 números, compraz sete com autores portugueses, mas muitos mais artigos foram ali publicados com resultados de pesquisas feitas por pesquisadores brasileiros em Portugal.

A conferência de 2007 foi precisamente aberta com uma palestra de Antropologia Urbana proferida por José Magnani que, nesse ano, começou a editar a revista referida, permitindo o fortalecimento das relações Portugal-Brasil, nesse caso ampliando do Rio de Janeiro para São Paulo.¹²

Gilberto Velho volta a Portugal em 2009 para a conferência da Associação Portuguesa de Antropologia (APA), novamente motivando os estudantes para incursões de curta, média ou longa duração no Brasil. E, nessa altura, visitam

12 De resto, é importante evocar outra história que não desenvolvemos aqui, das relações Portugal-Brasil também no campo dos estudos urbanos, que se desenrola sobretudo entre São Paulo e a Universidade de Coimbra, evocada, por exemplo, por João Teixeira Lopes em entrevista para o projeto Cientistas Sociais de Países de Língua Portuguesa (CPDOC/FGV), disponível aqui: <http://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/joaoteixeiralopes>.

Lisboa também um conjunto de estudantes orientados ou com influência acadêmica forte de Gilberto Velho. A conferência alberga um “painel convidado”, coordenado precisamente por Gilberto Velho e Joaquim Pais de Brito, sobre “Cosmopolitismo: metrópoles, trajetórias e subjetividade”, em que são apresentados os trabalhos de pesquisadoras que foram alunas de Gilberto Velho, como Teresa Fradique, Julia O’Donnell e Alessandra Barreto, entre outros, e um painel organizado por Graça Cordeiro e por Heitor Frúgoli intitulado “A Cidade e o urbano em questão – contextos, interações, diálogos”.

Importa referir que, no âmbito das análises sobre história da ciência, é evidente a importância das conferências internacionais, como não poderia deixar de ser. Num livro sobre associações científicas em Portugal, ao falar sobre conferências, os autores afirmam que “(...) o aspeto mais saliente é a sua importância enquanto elemento de socialização e integração dos jovens na comunidade científica” (DELICADO et al., 2013, p. 66). Mais adiante, destacam também as reuniões científicas de menor escala, “muitas vezes como parte da dinâmica de subgrupos organizados por área de interesse” (ibidem, p. 68), que é o caso da Antropologia Urbana. Ana Delicado, uma das referências em Portugal para a história da ciência contemporânea, defende, em outra publicação, que a internacionalização dos cientistas gera maior interesse pela interdisciplinaridade e é importante para a criação e consolidação de redes (DELICADO, 2010, p. 208), donde os resultados que venho expondo neste artigo corroboram essa asserção.

Em 2011, houve a Second International Conference of Young Urban Researchers (SICYUrb) também em Lisboa e igualmente com grande número de estudantes brasileiros, numa altura em que já vários pesquisadores tinham defendido o seu Doutorado, e as visitas de aprofundamento de pesquisa acadêmica, tanto em Portugal quanto no Brasil, começaram a proliferar.¹³ No ano seguinte, a vivacidade desses movimentos (que se alargam, não esquecer, a outros ramos da antropologia) é abalada pela morte de Gilberto Velho, mas sem efeitos práticos nos laços, que, ao contrário, se estreitam por via do caminho já traçado, como é exemplo o Congresso da APA¹⁴ em 2013 (V Congresso da APA, Vila Real, Portugal), no qual se destaca a organização de quatro pai-

13 Só entre 2009 e 2011, Graça Cordeiro é supervisora de três pesquisadores doutorados brasileiros (Alessandra Barreto, Heitor Frúgoli e Leá Perez).

14 Escolhi o Congresso da APA pela evidência e constância de presença assídua de mais pesquisadores brasileiros em Portugal, o que não acontece de forma tão sólida no sentido inverso. No entanto, outras conferências em ambos os países poderiam ser nomeadas para aprofundar a percepção sobre as relações acadêmicas no contexto da antropologia urbana. Nomeadamente, só para referir a mais evidente, os encontros da ANPOCS são muitas vezes referidos por vários interlocutores.

néis dedicados aos estudos urbanos e cada um deles organizado por participantes portugueses e brasileiros.¹⁵

Mas antes dessa conferência, um ano e pouco após a morte de Gilberto Velho, a 15 de maio (data do seu aniversário) de 2013, uma parte importante dos seus ex-alunos, colegas e amigos mais próximos realizou uma conferência em sua homenagem no Museu Nacional de Etnologia, da qual resultou a edição do livro já referido na citação que inicia esta seção: *Mundos em mediação. Ensaio ao encontro de Gilberto Velho*, coordenado por Celso Castro e por Graça Cordeiro. No texto de António Firmino da Costa e Maria das Dores Guerreiro, a relação entre Gilberto Velho, Graça Cordeiro e Joaquim Pais de Brito, diretor do Museu Nacional de Etnologia em Lisboa, é sublinhada (COSTA e GUERREIRO, 2014, p. 12), evocando as análises de Gilberto Velho e detendo-se na questão do significado da trajetória, que creio contribuir para corroborar o aspecto analítico que aqui trago, ou seja, a importância das circunstâncias nas trajetórias profissionais dos pesquisadores aqui evocados, incluindo os autores do trecho que vale a pena citar:

Igualmente esclarecedora revelava-se a perspectiva do autor de que, sendo importante atender a aspetos de classe social e trajetória pessoal dos indivíduos para explicar as diferenças que estes manifestam em termos de *ethos* e visão do mundo, não era menos importante ter em consideração a *margem relativa de escolha* que eles têm, dentro de dados *campos de possibilidades*, em certas circunstâncias históricas. (COSTA e GUERREIRO, 2014, p. 10-11)

Foi precisamente por via desses relacionamentos acadêmicos, concentrados em encontros científicos ou dispersos em situações singulares nas trajetórias individuais, que os pesquisadores de quem venho falando para analisar melhor as relações Portugal-Brasil no caminho de construção da Antropologia Urbana encontraram possibilidades – liberdade de fazer o seu caminho acadêmico, como é possível verificar numa vista rápida pelos painéis de trabalho em conferências internacionais no campo mais vasto das cidades, como vimos no caso dos Congressos da APA. Mesmo sem uma análise sistemática,

15 P12 Expressões artísticas urbanas: etnografia e criatividade, organizado por Renata Gonçalves, Otávio Raposo e Lígia Ferro; P34 Cidades em Movimento: reconfigurações identitárias em espaços de mobilidade, organizado por Graça Cordeiro e Alessandra Barreto; P52 Práticas culturais e de lazer na cidade, organizado por Juliana Rodrigues, Nilton Santos e Ricardo Bento; P53 Trajetórias e identidades em contextos urbanos transnacionais, organizado por Daniel Malet Calvo, Giacomo Ferro e Isis Martins. Importa referir que cada um destes pesquisadores tem uma história de pesquisa em ambos os países, mais cedo ou mais tarde nas suas trajetórias profissionais.

se olharmos para o Congresso de 2013 anteriormente referido, encontramos painéis coordenados tanto por pesquisadores seniores quanto juniores, resultado, portanto, não apenas de relações que classicamente se estabelecem no meio acadêmico através das orientações de pesquisas de doutoramento, mas também de redes que se solidificam ao longo dos anos.

Como se pode notar, são os livros que vêm registrando esses encontros e essa rede. Publicação por excelência do pesquisador em ciências sociais, o livro é levado nas viagens acadêmicas e entregue aos colegas próximos ou com quem se pretende fortalecer uma relação prévia. Karina Kuschnir, amiga e orientanda de Gilberto Velho, tem-se dedicado à organização do seu complexo arquivo, nesse momento sediado como Fundo na Biblioteca do IFCS no Rio de Janeiro. Karina Kuschnir¹⁶ disponibilizou-me um conjunto de imagens de dedicatórias presentes nos livros publicados por pesquisadores portugueses, que evocam não só a relação que aqui estou a analisar, como o conjunto mais vasto da antropologia portuguesa. Essas imagens dizem respeito apenas aos seus autores e destinatários e a sua exposição retiraria importância àquilo que quero mostrar neste artigo. A sua evocação, contudo, tem o propósito de convocar um problema teórico-metodológico da Etnografia Urbana no seu conjunto, que passa pelos arquivos etnográficos e pelos espólios dos investigadores.¹⁷ Tal como nos sugere Marc Turin, o documento é, ao mesmo tempo, verbo (porque encerra uma ou mais ações) e substantivo (passível de análise própria) (TURIN, 2011, p. 447). Voltando à questão sobre a Antropologia Urbana e a Etnografia Urbana, se há aqui alguma especificidade é que os seus trabalhos contribuem para a história das cidades. Realizar etnografia urbana representa registrar o presente etnográfico de situações urbanas, de uma forma complexa, através da recolha de dados primários.

Os estudos urbanos procuram muitas vezes dados primários em arquivo. Daniel Bitter, na sua entrevista, referiu o seu atual interesse na Etnografia Urbana por via das relações com Portugal por um lado, e com os arquivos urbanos por outro (Daniel Bitter, entrevista por escrito, 15/10/2016).

E se podemos encontrar uma racionalidade para evocar as trajetórias dos etnógrafos urbanos e das suas ligações internacionais, como este artigo quer realizar, ela está na necessidade de inscrever as etnografias realizadas, dando-lhes acesso a uma segunda vida (LEOPOLD, 2008). O livro que temos em

16 A quem agradeço a colaboração e disponibilidade total para me ajudar nesta pesquisa.

17 Esta situação não é exclusiva da Etnografia Urbana, diz respeito a outras temáticas ou mesmo aos contextos nacionais pouco inscritos e trabalhados na história da Antropologia (v. e.g. ALMEIDA e CACHADO, 2016).

mãos tem o papel de publicar resultados sobre etnografias realizadas em contextos urbanos pelos seus autores. Mas a miríade de dados primários – diários de campo, mapas, desenhos, fotografias, objetos – que os etnógrafos recolhem está longe de estar salvaguardada. Nesse sentido, a convocação da história de um ramo importante das ciências sociais nas últimas décadas ajuda a aprofundar os tipos de contributos realizados pelos diferentes atores em presença.

Ao mesmo tempo, o campo da Antropologia Urbana em ambos os contextos nacionais analisados tem uma inscrição na história das ciências sociais pouco consolidada, ao contrário do que se passa em Portugal com a Sociologia (ÁGOAS, 2013) ou com a Antropologia no seu sentido mais vasto no Brasil (PEIRANO, 2000). Se o livro enquanto objeto tem, como referia Cristiana Bastos na recensão ao *Etnografias Urbanas*, “(...) a sua liberdade e o seu espaço consolidado nos hábitos dos consumidores-leitores, das bibliotecas” (BASTOS, 2006, p. 917), os materiais primários e os arquivos dos pesquisadores estão, por norma, ainda presos aos momentos póstumos, donde a antropologia urbana não é alheia. Nesse sentido, se é importante registrar uma história da construção de relações académicas, é igualmente importante desafiar os seus participantes e refletir sobre os seus arquivos (v.e.g. SILVERMAN, 1995).

“E podíamos ir mais longe”¹⁸

“(...) os diversos quadros sociais das ciências produzem permanentemente elementos de um discurso histórico que é constitutivo da própria disciplina.” (TOPALOV, 2015, p. 15)

Para finalizar este capítulo, face aos resultados referidos, é também importante ressituar o olhar e mapear mais genericamente essa história. As relações académicas Portugal-Brasil não são uma especificidade da Antropologia Urbana. Alguns interlocutores, em entrevista, chamaram a atenção precisamente para esse fato, ou seja, se a rede a que nos estamos a referir é forte, ela se expande para outros colegas que não se identificam diretamente com a Antropologia Urbana. Outros afirmam ainda que, por vezes, se identificam com uma disciplina ou outra, ou com uma vertente delas, evitando engavetamentos estanques.

Ao mesmo tempo, as interações internacionais da Antropologia Urbana, tanto em Portugal quanto no Brasil, não se resumem às relações entre os dois

18 Joaquim Pais de Brito, citado mais adiante no capítulo, em entrevista para o projeto Cientistas Sociais de Língua Portuguesa: Histórias de Vida.

países que aqui foram contadas do ponto de vista do registro histórico. Carlos Fiolhais, autor que se tem dedicado à história da ciência, editou precisamente uma obra sobre história da ciência luso-brasileira ao longo dos séculos (FIOLHAIS et al., 2013). Esse livro conta, através de um conjunto de capítulos, que as histórias da ciência em Portugal e no Brasil são desde “sempre” imbricadas. Nesse sentido, não constitui qualquer novidade que as diversas ciências nos moldes mais recentes sejam influenciadas mutuamente entre Portugal e o Brasil. A curta história das relações Portugal-Brasil no campo da Antropologia Urbana corrobora uma relação antiga, evidente na história da ciência.

Até há poucos anos, a maior parte das histórias de ciências sociais publicadas são resultado de releitura de obra publicada por outros cientistas sociais. Um movimento importante tem, mais recentemente, publicado resultados de pesquisas realizadas com cientistas, através de entrevistas de trajetória profissional. Projetos como o do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV), “Cientistas Sociais de Língua Portuguesa: Histórias de Vida”, dirigido por Celso Castro, com a divulgação de entrevistas, são uma peça chave para entender o percurso dos profissionais e dos campos disciplinares. Também as entrevistas publicadas em revistas de circulação internacional têm contribuído para melhorar essa percepção. No caso em análise neste artigo, destacamos as entrevistas sediadas no CPDOC. Convido a ouvir Joaquim Pais de Brito,¹⁹ que contribuiu, como referido anteriormente, para o início dessa relação e que foi, nesse caso, entrevistado por António Firmino da Costa. A breve transcrição abaixo ilustra como os mais variados eventos académicos

[S]e transformaram já em relações fortíssimas de amizade (...) e só é mais difícil por apesar de tudo uma distância que os custos das viagens ainda não resolveram totalmente (...) e podíamos ir mais longe. E é sempre sobretudo um lugar de deslumbramento de encontro com nós próprios, quando vamos lá ou quando os colegas brasileiros vêm cá. Por um lado por estarmos entre outros, por outro lado por descobrirmos proximidades (...). (Joaquim Pais de Brito, 12º bloco da entrevista)

Essas proximidades evidenciam-se sobretudo, como o próprio diz adiante na mesma entrevista, na questão da língua. Ela é central para contar como se desenvolveram as relações académicas em si, e é fundamental para pensar neste momento presente das ciências sociais em geral, pressionadas pela necessidade de publicação em língua inglesa (e.g. FERNANDES, 2017), num

19 Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/joaquimbrito>.

movimento justificado pelas instituições que assim preconizam pela necessidade de internacionalização. E o exemplo da Antropologia Urbana em língua portuguesa, como é, por certo, o exemplo de muitos mais ramos da árvore das ciências sociais, mostra como a internacionalização não se realiza apenas numa língua dominante, muito embora ela seja importante para todos nós, mas antes através da construção de redes que passam por afinidades muito mais variadas.

Ao longo de uma geração que combina várias gerações, a rede de Etnografia Urbana²⁰ entre Portugal e o Brasil solidificou-se através de pessoas que, a partir de momentos de alguma forma singulares nas suas trajetórias profissionais, promoveram projetos de equipas internacionais; contribuíram em encontros científicos apadrinhando-os, organizando-os, participando ativamente; possibilitaram e motivaram o alargamento de uma rede estreita num grupo vasto, conectado necessariamente com outras redes, mas diferenciando-se através de uma parte importante das suas práticas empíricas.

Referências bibliográficas

ÁGOAS, Frederico. Narrativas em perspetiva sobre a história da sociologia em Portugal. *Análise Social*, 206, XLVIII (1), p. 221-256, 2013.

ALMEIDA, Sónia Vespeira e Rita Cachado (orgs.). *Os arquivos dos antropólogos*. Caldas da Rainha: Palavrão, 2016.

BASTOS, Cristiana. Utopias, portais e antropologias urbanas: Gilberto Velho em Lisboa. *Análise Social*, 222, LII (1), p. 162-174, 2017.

_____; CORDEIRO, Graça Índias; BAPTISTA, Luís Vicente; COSTA, António Firmino da (orgs.). *Etnografias Urbanas*. *Análise Social*, 180, p. 916-919, 2006.

CASTRO, Celso; CORDEIRO, Graça (org). *Mundos em mediação. Ensaio ao encontro de Gilberto Velho*. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

CORDEIRO, Graça. *Um lugar na cidade. Quotidiano, memória e representação no Bairro da Bica*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

CORDEIRO, Graça Índias. A antropologia urbana entre a tradição e a prática. In: CORDEIRO, Graça Índias; BAPTISTA, Luís V.; COSTA, António F. (orgs.). *Etnografias Urbanas*. Oeiras: Celta, 2003, p. 3-32.

_____; COSTA, António Firmino. Bairros: contexto e intersecção. In: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1999, p. 58-79.

_____; VIDAL, Frédéric (orgs.). *O lugar da rua. Espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

COSTA, António Firmino; GUERREIRO, Maria das Dores. Gilberto Velho e as ciências sociais em Portugal. In: CASTRO, Celso; CORDEIRO, Graça (orgs.). *Mundos em mediação*. Ensaio ao encontro de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p. 9-20.

DELICADO, Ana. O retorno dos “cérebros”: regresso e reintegração dos investigadores portugueses em mobilidade. *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad*, v. 5, n. 15, p. 185-218, 2010.

_____; REGO, Raquel; CONCEIÇÃO, Cristina Palma; PEREIRA, Inês; JUNQUEIRA, Luís. *Ciência, profissão e sociedade. Associações Científicas em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, disponível em linha em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20748/1/ICS_ADelicado_et_al_Ciencia_LAN.pdf, 2013.

FERNANDES, Luís. *O conhecimento de si na sociedade do conhecimento*. Porto: Apuro Edições, 2017.

_____. A imagem predatória da cidade. In: CORDEIRO, Graça Índias; BAPTISTA, Luís V.; COSTA, António F. (orgs.). *Etnografias Urbanas*. Oeiras: Celta, 2003, p. 53-62.

FIOLHAIS, Carlos; SIMÕES, Carlota Simões; MARTINS, Décio (eds.). *História da Ciência Luso-Brasileira. Coimbra entre Portugal e o Brasil*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

FREHSE, Fraya. Tantas cidades em Lisboa. *Ponto Urbe* 1, disponível em linha <http://journals.openedition.org/pontourbe/1223?lang=en>, 2007.

INGOLD, Tim. That's enough about ethnography. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 4 (1), p. 383-395, 2014.

LEOPOLD, Robert. The second life of ethnographic fieldnotes. *Ateliers du LESC* 32 [Em linha] <http://ateliers.revues.org/3132>, 2008.

LOPES, João Teixeira. Antropologia e Sociologia: duas disciplinas em diálogo. In: JORGE, Vítor Oliveira; ITURRA, Raúl. *Recuperar o espanto: o olhar da Antropologia*. Porto: Afrontamento, 1997, p. 39-44.

PEIRANO, Mariza. A Antropologia como ciência social no Brasil. *Etnográfica*, v. IV (2), p. 219-232, 2000.

SILVERMAN, Sydel. Introduction. In: SILVERMAN, Sydel; PAREZO, Nancy (eds.). *Preserving the Anthropological Record*, Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, disponível em linha: www.copar.org/par/, 1995.

TONKISS, Fran. *Space, the City and Social Theory. Social relations and urban forms*. Cambridge: Polity Press, 2005.

20 Uma rede que, após mais de uma década de relações informais, trilha agora o seu caminho numa plataforma em Open Access, intitulada ETNO.URB e que pode ser consultada em linha, aqui: <https://etnourb.hypotheses.org/>.

TOPALOV, Christian. Introduction. Une histoire des savoirs et des savants. In: TOPALOV, Christian. *Histoires d'enquêtes*. Londres, Paris, Chicago (1880-1930). Paris: Classiques Garnier, 2015, p. 11-47.

TURIN, Mark. Born Archival: The Ebb and Flow of Digital Documents from the Field, *History and Anthropology*, 22, 4, p. 445-460, 2011.

VELHO, Gilberto. Apresentação. In: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1999, p. 7-10.

A EMERGÊNCIA DOS ESTUDOS EM MEIO URBANO NA ANTROPOLOGIA BRASILEIRA

Renata de Sá Gonçalves

Nos estudos da história das ciências sociais no Brasil ainda é forte a leitura parcial e evolutiva das matrizes de estudos, em que etapas anteriores são depreciadas em prol da vigência de etapas posteriores, mesmo depois da crítica de Wanderley Guilherme dos Santos.¹ Independentemente do caminho a ser trilhado na construção de uma história do pensamento social, ou especificamente dos estudos urbanos – seja a matriz institucional ou a sociológica, ou, ainda, a ideológica, igualmente importantes –, o cerne da crítica do autor se refere à desqualificação feita às produções intelectuais relacionadas a um “paradigma historicamente superado”, tidas muitas vezes como “pré-científicas”.

Proponho abordar a formação de um campo da antropologia urbana no Brasil, buscando, como sugeriu Santos (1978), não descartar as “histórias” anteriores ou as produções supostamente “superadas”, como se fossem falsas, “relativizando”, assim, as “matrizes” mais lineares. A partir das vertentes de tradições formadoras do campo de estudos da antropologia urbana brasileira, busco argumentar que o diálogo com a antropologia norte-americana, com os estudos da Escola de Chicago e o pensamento social brasileiro produziu uma especificidade do tratamento dos estudos urbanos na antropologia brasileira, caracterizado pela interdisciplinaridade (VELHO, 1998 e 2011)² e pela negociação entre fronteiras do conhecimento.

1 Santos indicou três modalidades principais de agrupamento das análises do pensamento político-social brasileiro. (...) “por matriz institucional, entende-se a organização, classificação e avaliação da evolução do pensamento social brasileiro, segundo marcos organizacionais e institucionais” (SANTOS, 1978, p. 25). “Por matriz sociológica entende-se a análise que se desenvolve tomando como parâmetro características da estrutura econômico-social” (ibidem, p. 27). “Por matriz ideológica entende-se a preocupação de analisar os textos brasileiros de reflexão social com o objetivo explícito de buscar sua caracterização conceitual própria, independentemente dos azares conjunturais da empiria” (ibidem, p. 31).

2 Tal reflexão tem como ponto de partida o artigo de VELHO, Gilberto: Pesquisa em meio urbano: antropologia e interdisciplinaridade. ABA, abril de 1998, mimeo.